



OBSERVATÓRIO DA CIDADE RESILIENTE



CAMPANHA
CONSTRUINDO CIDADES RESILIENTES



MINHA CIDADE ESTÁ SE PREPARANDO!

Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes”, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 06/04/2020



Como lidar com o estresse causado pela pandemia do coronavírus?

*Por Alessandra Faustino**

Os desafios do distanciamento social

Se você está em isolamento ou em quarentena, ou ainda se têm passado muito tempo sem sair de sua casa, é provável que esteja se sentindo ansiosa(o), frustrada(o), preocupada(o), com medo, irritável.

Este é um momento desafiante, pois o distanciamento social requer uma mudança ampla no nosso modo de vida.

No entanto, lembre-se que o isolamento e a quarentena visam tanto sua saúde, quanto a saúde das outras pessoas. Ainda que você não manifeste sintomas ou que apresente sintomas leves, se há qualquer risco de transmissão, este deve ser evitado, e você deve ficar em casa.

A situação de isolamento é estressante: é necessário mudar seus comportamentos, há restrições de vários níveis em sua vida social, sua rotina é alterada, você pode se ver confrontado a uma estigmatização por parte das pessoas, pode haver prejuízos financeiros, apenas para citar alguns aspectos que podem causar ansiedade.

Todos compartilhamos esta experiência, porém, há várias medidas que podem ser adotadas para reduzir seu estresse e manter a calma.

Esteja preparado

É muito provável que você nunca tenha tido que passar por um isolamento ou quarentena antes, então, talvez você não tenha tido a possibilidade ou o tempo de se preparar.

Lance mão dos recursos que estejam disponíveis a você: compras por Internet, entrega de comidas e medicamentos, coleta de exames em domicílio etc.

Crie um plano pessoal ou familiar que te ajude a se sentir com algum controle sobre a situação. Tenha à mão números de emergência, de pessoas de contato e informações úteis para o caso de uma emergência.

Estabeleça uma rotina

Procure manter uma rotina diária para você e as pessoas que te acompanham: acordar no mesmo horário, vestir-se e começar seu trabalho ou suas atividades.

Estabeleça um lugar da casa que se tornará seu local de trabalho. Faça pausas, como normalmente faz no trabalho, seja para um café, para o almoço ou simplesmente para esticar as pernas.

Siga um horário de trabalho/ atividade, mesmo que seja diferente do seu habitual, e desconecte-se ao final do período.

Divirta-se!

Para evitar o tédio e reduzir a ansiedade, também é muito importante que você planeje atividades de lazer e de higiene mental.

Invista num projeto pessoal/familiar que seja prazeroso e factível, mas que seja desafiante o suficiente para que te motive.

Estabeleça uma meta e um cronograma e o siga. Há muitos recursos disponíveis na Internet: visitas virtuais a museus, concertos, filmes. Aprenda algo novo ou ensine o que sabe a alguém através da internet. Seja criativa(o)!

Atenção com crianças e adolescentes

Se você tem crianças ou adolescentes em casa, há preocupações adicionais com a rotina diária, mantê-los ocupados, cuidar de sua saúde e da deles, entre outras preocupações.

No entanto, este pode ser o momento ideal para estar juntos como família. Você encontrará listas de atividades e jogos na Internet, então utilize a tecnologia a seu favor. O mais importante é reduzir seus níveis de estresse.

Cuide da saúde

Mantenha uma alimentação saudável e a prática de uma atividade física regular. O importante é manter-se ativo(a).

Se precisar, peça ajuda

Ter sentimentos de desespero, tristeza, raiva, frustração, fadiga, tédio, é natural. Utilize todos os recursos que ajudem a superar esses sentimentos.

Práticas como meditação, relaxamento, tocar um instrumento, ou outras com as quais você se sinta confortável, têm efeitos comprovados sobre o bem-estar e a redução dos níveis de estresse.

Há aplicativos na Internet que podem ajudar com essas práticas, faça uma busca e encontre um que possa ajudar a superar esses momentos, mas se a situação é mais grave ou sobrepassa sua capacidade de lidar com as dificuldades, procure apoio profissional.

O que levar em conta ao escolher um aplicativo:

Procure aplicativos desenvolvidos por universidades, hospitais ou grupos de pesquisa com a preocupação de proteção de dados dos usuários e eficácia clínica.

Verifique se há uma utilização ética dos dados dos usuários, particularmente se é gratuito. Há muitos no mercado que são pagos ou foram desenvolvidos com outros objetivos, então pesquise antes de utilizar.

Mantenha contato

O isolamento social é um dos aspectos mais desafiadores da quarentena. Procure comunicar-se regularmente com pessoas que fazem você se sentir bem através dos vários aplicativos de conversa disponíveis na Internet.

Informação

Mantenha-se bem informado, mas, cuidado, excesso de informação pode contribuir para o desânimo. Evite seguir as notícias continuamente. Escolha um horário do dia para ver os noticiários e siga apenas fontes confiáveis de informação.

Não compartilhe aquilo que você mesmo(a) não tenha verificado que é verdadeiro. Não propague “fake news”, mesmo que venha de uma pessoa em que você confie e não sobrecarregue as pessoas com mensagens desnecessárias.

Expresse sua preocupação com as pessoas de outra maneira que não seja passar adiante grande parte do que você recebe.

O site da ONU Brasil e nossas redes sociais só publicam informações confiáveis. Siga nossos perfis e ajude a divulgar!

Espiritualidade

Se você segue alguma prática religiosa ou espiritual que lhe dá conforto e paz de espírito, mantenha-a ativa.

Solidariedade

Ajudar os outros é outra forma de melhorar seu bem-estar psicossocial e reduzir seu estresse. A solidariedade melhora o bem-estar psicológico das pessoas.

O que evitar?

Evite o abuso de álcool e drogas. Isso pode piorar a sua situação. Evite isolar-se. O contato social tem efeitos protetores sobre a saúde mental.

Guardar um problema para si esperando que desapareça por si mesmo é prejudicial. Compartilhe e procure ajuda se precisar.

Discriminar ou estigmatizar as pessoas por causa de sua origem, trabalho, diagnóstico ou qualquer outro fator não lhe protegerá da doença, nem melhorará sua saúde.

Não seguir as instruções, recomendações e determinações das autoridades de saúde pública coloca em risco tanto a sua saúde quanto a da coletividade, portanto, fique em casa se puder e siga estritamente os procedimentos.

Negar a situação pode trazer consequências sérias para você, as pessoas próximas, colegas e até pessoas que você sequer conhece.

Lembre-se de que muitas pessoas estão na mesma situação. Reconhecer seus limites e respeitá-los é benéfico para você e para a comunidade.

Trabalhadores essenciais – O que é preciso ter em mente?

Para os trabalhadores na linha de frente da resposta à pandemia, é preciso um cuidado especial.

Longas horas, rotinas pesadas, sobrecarga de trabalho, distância e preocupação com pessoas próximas ou familiares, ruptura da rotina pessoal e do ciclo de descanso, criticalidade do trabalho, medo de se infectar ou de infectar outros são aspectos que têm que ser monitorados e manejados nas equipes de trabalho pelos supervisores e pela própria pessoa.

A auto-observação é muito importante para prevenir que se ultrapasse o limite pessoal e evitar a exposição a riscos desnecessários.

O recurso mais importante e valioso de qualquer organização são suas funcionárias e funcionários e sem eles não haveria resposta à crise da COVID-19. Dedique a você própria(o) o mesmo cuidado e atenção que dedicaria a uma pessoa querida.

Procure manter uma rotina, alimentar-se de maneira saudável e guardar o tempo necessário de descanso e recuperação sempre que possível.

Se você não estiver bem, não desempenhará bem suas funções e sua eficiência diminuirá, então respeite a si mesma(o).

**psicóloga e consultora para manejo do estresse da ONU Brasil*

FONTE: https://nacoesunidas.org/como-lidar-com-o-estresse-causado-pela-pandemia-do-coronavirus/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+ONUBr+%28ONU+Brasil%29

**Bulletin
of the
Atomic
Scientists**

Como manter o novo coronavírus de ser usado como uma arma terrorista

Em 26 de março, a CNN informou que as agências norte-americanas agora considerar a propagação intencional de SARS-CoV-2 por grupos extremistas para ser uma ameaça crescente nos Estados Unidos. Richard Pilch, diretor do Armas Químicas e Biológicas Programa de Não-Proliferação no Martin Centro de James para Estudos de Não Proliferação, escreve sobre uma avaliação do risco e porque ele acha que a ameaça não pode ser ignorado.

FONTE: https://thebulletin.org/2020/03/how-to-keep-the-new-coronavirus-from-being-used-as-a-terrorist-weapon/?utm_source=Newsletter&utm_medium=Email&utm_campaign=Newslett03302020&utm_content=DisruptiveTechnologies_CoronavirusTerrorismWeapon_03272020

devex
Do Good. Do It Well.™

Chave de mapeamento de dados para rastrear a disseminação de doenças e preencher lacunas na saúde, dizem especialistas

Por **Gareth Willmer**

Atualmente, pelo menos metade da população global não tem acesso a serviços essenciais de saúde, desafiando a capacidade das partes interessadas em alcançar a meta 3 de desenvolvimento sustentável nos próximos 10 anos. Muitas das populações mais difíceis de alcançar vivem em áreas rurais carentes de mapas detalhados, sem as quais os profissionais de saúde talvez nem saibam que essas comunidades existem.

"Parece quase óbvio, mas não podemos conseguir um profissional de saúde em uma comunidade se não sabemos que a comunidade existe", disse Avi Kenny, ex-diretor de pesquisa, monitoramento e avaliação da organização sem fins lucrativos Last Mile Health, acrescentando que os dados do censo em países de baixa e média renda geralmente não são tão bons.

A necessidade de preencher lacunas de dados e criar mapas confiáveis exige novos métodos para rastrear o acesso aos serviços de saúde e a disseminação de doenças. Imagens e dados de satélite são promissores como ferramentas essenciais para isso, com a capacidade dos satélites de cobrir rapidamente áreas remotas e ver coisas que as pessoas nem sempre conseguem detectar em terra.

Segundo Einar Bjorgo, diretor de análise de satélites e pesquisa aplicada do Instituto das Nações Unidas para Treinamento e Pesquisa, o Programa de Aplicações Operacionais por Satélite do instituto, ou UNOSAT, apoiou a Organização Mundial da Saúde em situações de resposta rápida em inúmeras ocasiões.

"Não podemos conseguir um profissional de saúde em uma comunidade se não soubermos que a comunidade existe."

- Avi Kenny, ex-diretor de pesquisa, monitoramento e avaliação, Last Mile Health

Ele citou o surto de poliomielite em Bihar, na Índia, há uma década. "Nossos colegas da OMS nos ligaram porque precisavam organizar rapidamente uma campanha de vacina, mas não tinham mapas", disse Bjorgo. Dentro de alguns dias, a UNOSAT conseguiu criar mapas impressos atualizados da área para a equipe da OMS levar a Bihar. A equipe os juntou com fita adesiva para ajudar a campanha a traçar as rotas mais rápidas para alcançar as pessoas.

"Funcionou bem. Desde então, não houve um caso de poliomielite lá ", disse Bjorgo, com a Índia declarada livre da poliomielite em 2014.

Desde então, o UNOSAT forneceu imagens de satélite para a OMS em outras campanhas de mapeamento de doenças, como a crise do Ebola. Os mapas foram usados para identificar os locais dos centros de tratamento, estradas e rotas para as comunidades, bem como pelos Médicos Sem Fronteiras, para ajudar a planejar as instalações com base nas localidades da vila e em seus layouts.

Bjorgo disse que há um escopo adicional para o uso de satélites em esforços de longo prazo para rastreamento de saúde e doenças e erradicação - algo que o UNITAR está investigando.

"Em termos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, estamos olhando agora para ver se conseguimos criar vários conjuntos de dados que podem ser fornecidos aos países, inclusive no setor da saúde", disse ele.

Mas Bjorgo disse que um dos desafios é garantir que os dados sejam suficientemente detalhados para serem relevantes nos contextos locais. "Eles não devem ser apenas modelos globais; é preciso diminuir o zoom e torná-los úteis também no nível subnacional", afirmou.

Tais iniciativas são particularmente pertinentes após o lançamento da Fundação Global de Cirurgia, organizada pela UNITAR, em janeiro, reconhecendo a necessidade urgente de ampliar o acesso a cuidados cirúrgicos seguros e acessíveis para ajudar a alcançar a cobertura universal de saúde e atender aos ODS. Embora o programa esteja em seus primeiros dias, Bjorgo disse que o UNITAR estará analisando como as informações de satélite podem ser combinadas com o trabalho da fundação para melhorar o acesso.

Traduzindo imagens de Satélite em Dados Úteis

Outras organizações também têm procurado misturar dados de satélite com tecnologias como algoritmos de aprendizado de máquina para aumentar ainda mais a eficácia.

Na Libéria, a Last Mile Health trabalhou recentemente com o Arnhold Institute for Global Health, com sede nos EUA, para examinar o potencial de mapeamento de comunidades remotas usando um novo método que combina análise de imagens de satélite disponíveis ao público com aprendizado de máquina para auxiliar no planejamento dos serviços de saúde.

A Last Mile Health já trabalha em parceria com o Ministério da Saúde da Libéria desde 2016 na ampliação do acesso a agentes comunitários de saúde em toda a Libéria, exigindo dados do censo sobre a localização das pessoas. O método tradicional, disse Kenny - consultor técnico da organização - envolveu pessoas andando de moto armadas com dispositivos GPS e telefones Android para mapear estradas e contar as famílias que passaram como proxy do tamanho da população.

Enquanto esse método funcionava relativamente bem, grupos isolados de comunidades eram frequentemente perdidos, disse Kenny. Portanto, a equipe treinou um algoritmo de aprendizado de máquina para detectar edifícios em imagens de satélite. Em seguida, ele usou o algoritmo para encontrar edifícios em áreas que a Last Mile Health já havia pesquisado no terreno no condado de Rivercess, na Libéria.

O método detectou corretamente 75% das comunidades registradas e, crucialmente, encontrou 167 grupos de construção adicionais, sugerindo a presença de comunidades que não haviam sido identificadas anteriormente.

Kenny observou que, combinando o aprendizado de máquina com os métodos tradicionais baseados em terra, a equipe conseguiu aumentar significativamente a riqueza e a qualidade dos dados.

Enquanto Kenny disse que acha que o tipo de método usado no estudo mostra uma promessa real, é incerto como a Last Mile Health poderá aproveitar essa tecnologia no futuro. "[A organização] quer tirar proveito da tecnologia emergente de aprendizado de máquina para melhorar a qualidade do atendimento aos pacientes, mas isso parece ser uma questão em aberto", disse Kenny.

Combate à malária

Outros estão usando dados de satélite para fazer progressos no rastreamento da propagação de doenças infecciosas e utilizando mapas que mostram acessibilidade às unidades de saúde que podem alimentar esse rastreamento.

Uma rede global de pesquisadores do Malaria Atlas Project , ou MAP, faz isso desde a iniciativa lançada em 2006. O MAP, baseado no Telethon Kids Institute da Austrália e no Big Data Institute da Universidade de Oxford , fornece mapas para O “Relatório Mundial da Malária” anual da OMS, bem como o mapeamento do apoio a ONGs, programas nacionais de malária, ministérios da saúde e outros terceiros.

Por meio de imagens de satélite, a iniciativa captura condições ambientais globais que influenciam a transmissão da malária - incluindo temperaturas da superfície da terra, precipitação, cobertura vegetal e tendências populacionais - coletadas de fontes como o Espectrorradiômetro de Imagem de Resolução Moderada, o programa Landsat e a iniciativa Global Urban Footprint . Isso é combinado com uma variedade de outros dados de pesquisas nacionais e sistemas de vigilância para ajudar a mapear a malária.

Entre suas iniciativas, a organização conseguiu, no ano passado, produzir mapas da distribuição da malária em todo o mundo entre 2000 e 2017 para mapear as mudanças ao longo do tempo, em comparação com os mapas globais anteriores que se concentraram em um único ano.

Segundo Harry Gibson, analista de negócios sênior de malária e dados geoespaciais do MAP, isso pode ajudar a seguir as tendências de onde as coisas estão melhorando e onde não estão. Isso poderia, por exemplo, ajudar a dar uma idéia de quão bem as intervenções, como o fornecimento de mosquiteiros ou inseticidas, podem ter funcionado e onde os esforços precisam ser focados.

O objetivo do MAP é obter informações cada vez mais de alta resolução ao longo do tempo para prever melhor a carga de malária, disse Gibson. Em uma postagem no blog do ano passado , Bill Gates - cuja fundação financia o MAP - escreveu sobre a iniciativa: “Agora temos mapas ricos em dados com pixels com apenas 5 km quadrados. Em vez de cobrir regiões inteiras com mosquiteiros e outras medidas contra a malária, as autoridades de saúde podem direcionar os esforços para que eles façam o melhor. ”

Gibson, enquanto isso, disse que ainda há muito espaço para melhorar os dados de satélite nas distribuições populacionais para obter uma imagem melhor das proporções de pessoas infectadas, e não apenas do número de casos - embora isso

também esteja avançando através de iniciativas que ele citou, como Global Urban pegada e Facebook 's alta resolução Camada Settlement .

"Não existe um mapa global definitivo de onde as pessoas moram, mas muitas pessoas estão fazendo um trabalho interessante com dados de satélite para produzir mapas melhores disso", disse Gibson.

Desenvolvimento de capacidade

Embora exista um grande potencial para os satélites fornecerem insights de saúde cada vez mais em alta resolução, aqueles que atuam nessa área enfatizam a necessidade de colocar esses dados no contexto certo para cada local específico.

Por exemplo, Kenny apontou que seria difícil aplicar o mesmo método usado no estudo da Last Mile Health em áreas urbanas, onde é mais difícil equiparar edifícios ao tamanho da população, porque pode haver grandes construções abandonadas.

Ele também destacou a necessidade de tornar os sistemas de tecnologia baseados em satélite acessíveis a pessoas sem formação técnica.

"O que seria ideal é se houvesse algum tipo de site em que alguém que não possua formação técnica possa simplesmente ver um mapa e ampliar um país ou distrito... e visualizar os dados que saem deste [tipo de] algoritmo ", ele disse.

Bjorgo enfatizou um ponto semelhante, acrescentando que o UNITAR tem um papel a desempenhar no treinamento e no desenvolvimento de capacidade no terreno. Além disso, ele disse, é necessário que os profissionais de saúde do país recebam informações prontas, em vez de terem que se tornar "especialistas em análise de imagem".

"Muitas vezes, você não pode resolver o problema apenas com as imagens", acrescentou. "Você precisa resolver um problema combinando as imagens com outras informações."

Visite a série *Data for Development* para obter mais cobertura sobre maneiras práticas de aproveitar os dados de satélite para apoiar o trabalho dos profissionais de desenvolvimento e auxiliar os trabalhadores. Você pode ingressar na conversa usando a hashtag #DataForDev .

FONTE: https://www.devex.com/news/data-mapping-key-to-track-disease-spread-and-plug-health-gaps-experts-say-96772?access_key=&utm_source=newsletter&utm_medium=newswire&utm_campaign=special&utm_content=title&mkt_tok=eyJpIjoiTnpNelpXUTBOVFI3TWpBMiIsInQiOiJZUK13c0h4Z0ZVQ3kwUlp6U0lwRmdLVTJwMkxSQkFPYUNoZDFwVzRiaHh0VzhwdjNaK0ZVNzRwM0YzRDZPdUJZMDJRWHZlankrWDBQUTlqXC9CZktkWmpWVG5SUmpxSzh2N2prTDJBaVFHWG1YN0FTd002ZWNudys5RnljS25uRWcifQ%3D%3D



ONU-HABITAT lista 5 ações que promovem cidades mais inclusivas e seguras para mulheres

Diante da urgência de alcançar a igualdade de gênero, o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT) listou iniciativas implementadas pela organização e parceiros com o objetivo de transformar a realidade das mulheres nas cidades brasileiras.

Os projetos são realizados em Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Piauí e Minas Gerais, envolvendo temas de inclusão social, moradia adequada e uso misto do solo, resiliência urbana, espaços públicos e mobilidade urbana.



Diante da urgência de alcançar a igualdade de gênero, o Programa das Nações Unidas para Assentamentos Humanos (ONU-HABITAT) listou iniciativas implementadas pela organização e parceiros com o objetivo de transformar a realidade das mulheres nas cidades brasileiras.

Os projetos são realizados em Rio de Janeiro, Alagoas, Pernambuco, Piauí e Minas Gerais, envolvendo temas de inclusão social, moradia adequada e uso misto do solo, resiliência urbana, espaços públicos e mobilidade urbana.

Segundo Rayne Ferretti Moraes, oficial nacional do ONU-HABITAT para o Brasil, a lista das ações foi elaborada para lembrar o Dia Internacional da Mulher. “Foi muito relevante celebrar essa data dando publicidade a algumas ações que colocam as meninas e as mulheres no centro do debate urbano”, disse.

Saiba mais sobre 5 ações realizadas no Brasil que ajudam a tornar as cidades mais inclusivas e seguras para as mulheres.

Ação # 1: Reduzir a vulnerabilidade social de mulheres

Setenta por cento da população mais pobre do mundo é mulher. O acesso a educação, serviços urbanos e controle de recursos para as mulheres é muito menor. Isso ocorre, principalmente, porque a maioria das mulheres realiza trabalhos não remunerados e não valorizados (doméstico e de cuidado).

O processo de feminização da pobreza demanda políticas públicas que deem visibilidade às necessidades das mulheres e sejam responsivas a elas. O ONU-HABITAT realiza diversos projetos que buscam promover a inclusão de populações vulnerabilizadas e ampliar seu acesso a serviços urbanos.

Na cidade do Rio de Janeiro, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, o ONU-HABITAT implementa o projeto “Territórios Sociais”, que busca identificar o risco social das famílias moradoras de dez grandes complexos de favelas da cidade para reduzir suas vulnerabilidades. Cinquenta e sete por cento das pessoas em risco social que já foram identificadas são mulheres e 77% das mulheres se autodeclararam pretas e/ou pardas.

A partir de ações integradas e intersetoriais, o programa já atende mais de 27 mil mulheres que até então estavam invisíveis para a rede municipal, e agora estão sendo monitoradas para sua inclusão nos programas sociais da Prefeitura.

Ação #2: Promover o direito à moradia adequada e o uso misto do solo

A moradia adequada não se limita a uma casa com teto e quatro paredes e envolve uma série de elementos que compõem o direito à moradia: segurança da posse; habitabilidade; disponibilidade de serviços, infraestrutura e equipamentos públicos; localização adequada; adequação cultural; não discriminação e priorização de grupos vulneráveis e custo acessível.

O acesso das mulheres à moradia adequada é fundamental não só para a realização das atividades diárias, mas principalmente para a promoção da autonomia em todas as áreas de suas vidas e efetivação de outros direitos.

Em Alagoas, a Assistência Técnica para Habitação de Interesse Social em parceria com o Governo do Estado de Alagoas e o Conselho de Arquitetura e Urbanismo de Alagoas (CAU-AL) tem melhorado, nas grotas de Maceió, a vida de milhares de pessoas, e as mulheres estão entre as mais beneficiadas.

Além da moradia adequada, promover o planejamento urbano e territorial integrado com base no uso misto, equitativo, eficiente e sustentável do solo é também uma ação para inclusão das mulheres nas cidades.

O ONU-HABITAT incentiva que as cidades promovam o uso misto do solo, com bairros de finalidade comercial e residencial, contribuindo para centros urbanos menos segregados e mais compactos, mobilidade urbana mais eficaz e a redução da emissão de gases causadores do efeito estufa.

O acesso das mulheres à moradia adequada e a uma cidade integrada e compacta são duas ações que podem aliviar as consequências da divisão sexual do trabalho e da ligação social e cultural das mulheres com o espaço doméstico, possibilitando que elas acessem alguns dos benefícios da urbanização.

Ação#3: Promover políticas de resiliência climática responsivas a gênero

As mulheres são 14 vezes mais propensas a morrer em um desastre natural do que os homens. Isso se dá porque os riscos gerados pelas mudanças climáticas ampliam ainda mais as desvantagens de gênero de origem social e econômica que já existem.

Para planejarmos cidades resilientes e inclusivas, é essencial que as políticas públicas levem em conta os desafios de gênero nas mudanças climáticas.

O ONU-HABITAT apoiou o projeto “Mulheres pelo Clima”, realizado pela Prefeitura de Teresina, que identificou três grupos de mulheres mais vulnerabilizadas pelos efeitos das mudanças climáticas (horticultoras, ceramistas e recicladoras) na capital do Piauí, e criou em grupos formados por acadêmicas, especialistas e as próprias mulheres para propor iniciativas que contribuam para a adaptação climática.

O Programa de Resiliência Urbana, iniciado em cooperação com a Prefeitura de Teresina, utiliza uma metodologia para a avaliação do perfil de resiliência da cidade e a proposição de políticas adequadas ao contexto da cidade.

Em Teresina, será utilizada uma ferramenta que permitirá um enfoque de gênero e facilitará a proposição de políticas adaptadas à resiliência urbana que contribuam para promover a igualdade de gênero.



: Planejar espaços públicos mais seguros

Uma das ações que podem fazer as mulheres se sentirem mais seguras e se beneficiarem dos serviços e recursos que as cidades podem oferecer é a busca ativa por mudanças em seu ambiente físico.

A implementação da Auditoria de Segurança das Mulheres, metodologia criada no Canadá na década de 1980 e adaptada pelo ONU-HABITAT como parte do Programa Cidades Mais Seguras auxilia as mulheres nesse processo.

Essa metodologia avalia criticamente o ambiente urbano, dando legitimidade às preocupações das mulheres, aumentando a conscientização da violência contra grupos vulneráveis e possibilitando que os tomadores de decisão entendam como o ambiente urbano é experimentado de diferentes maneiras.

Como parte da metodologia, são realizadas caminhadas exploratórias, rodas de conversa e cartografias da (in)segurança nos bairros.

Acessa-se, assim, a sensação de segurança, experiências físicas e emocionais das mulheres por meio da identificação de fatores que as fazem se sentir (in)seguras na cidade. Com base nos resultados, são feitas recomendações ao poder público. O processo participativo tem a premissa de que as especialistas em segurança de uma área são aquelas que a frequentam, ou seja, as usuárias.

Em Alagoas, o ONU-HABITAT realizou auditorias de segurança das mulheres em três dos bairros com maiores índices de violência letal da capital. Por meio da escuta ativa, foi traçado um retrato da violência nesses bairros e sobre como a vida dessas mulheres e suas famílias são afetadas.

Em Pernambuco, o projeto com foco na prevenção ao crime e à violência também prevê a implementação dessa metodologia nos territórios priorizados pela Secretaria de Políticas de Prevenção à Violência e às Drogas.

Para uma cidade inclusiva, o desenho e o planejamento urbano precisam considerar as experiências, necessidades e preocupações das mulheres, pois quando uma cidade é segura para elas, é segura para todos.

Ação #5: Promover políticas de mobilidade urbana inclusivas para mulheres

O acesso à cidade e a forma como circulamos no espaço urbano não é neutro quanto a gênero. Isso acontece porque as atividades desempenhadas por homens e mulheres são socialmente diferentes, de forma que elas são as principais responsáveis pelo trabalho doméstico e cuidado com a família.

A mobilidade urbana é determinante para a reprodução de privilégios e desvantagens, influenciando na circulação pela cidade, no acesso a serviços e a equipamentos públicos.

Os modos de transporte mais utilizados pelas mulheres são os ativos e coletivos, que são os mais limpos e eficientes. Mas, os deslocamentos femininos são também marcados pelo medo, o que faz com que as mulheres desviem de seus trajetos, evitem lugares, deixem de se deslocar a pé ou por transporte coletivo depois de certo horário, se privando do direito de usufruir da cidade.

Noventa e sete por cento das mulheres adultas no Brasil já foram vítimas de assédio sexual no transporte público, por aplicativo ou em táxis; para 72% delas, o tempo para chegar ao trabalho influencia a decisão de aceitar ou permanecer em um emprego.

No final do século 19, a bicicleta deu liberdade às mulheres, fazendo com que pudessem se deslocar com mais facilidade, conquistar o espaço público, ampliar o alcance do movimento sufragista e utilizar roupas mais confortáveis.

Com o seu próprio esforço, as mulheres utilizaram a bicicleta para um longo caminho de conquistas, até hoje em curso. A bicicleta é também uma aliada nos trajetos urbanos e rurais, dando autonomia a elas, facilitando as múltiplas viagens e possibilitando deslocamentos que não são atendidos por transporte público, permitindo que muitas meninas cheguem à escola, por exemplo.

O ONU-HABITAT trabalha por cidades completas para todos e, para que isso ocorra, a organização defende que o planejamento urbano e as políticas públicas devem incluir uma perspectiva de gênero, trabalhar com dados desagregados por sexo, ter orçamentos sensíveis a gênero e incluir mulheres na tomada de decisão.

FONTE: <https://nacoesunidas.org/onu-habitat-lista-5-acoes-que-promovem-cidades-mais-inclusivas-e-seguras-para-mulheres/>



OPAS busca US\$95 milhões para ajudar países latino-americanos e caribenhos na pandemia

A [Organização Pan-Americana da Saúde \(OPAS\)](#) está chamando doadores para arrecadar 95 milhões de dólares, dinheiro que será utilizado para executar medidas de saúde pública prioritárias para ajudar os países da América Latina e Caribe a enfrentar a pandemia de COVID-19, doença causada pelo novo coronavírus.

Os recursos serão direcionados à Estratégia de Resposta da OPAS, alinhada à da Organização Mundial de Saúde (OMS), que tem o objetivo de salvar vidas e desacelerar a transmissão do novo coronavírus para mitigar que seu impacto nos serviços e na saúde da população, principalmente nos países que mais precisam de ajuda.

Esses fundos apoiarão a estratégia até setembro de 2020; no entanto, à medida da evolução da pandemia, é possível que a necessidade aumente.

“A propagação da COVID-19 está acelerando e devemos intensificar as ações para freá-la”, afirmou a diretora da OPAS, Carissa F. Etienne. “Este novo vírus demonstrou que pode sobrecarregar os serviços de saúde até nos países mais desenvolvidos”, indicou Etienne.

“Precisamos aumentar os investimentos para proteger as pessoas mais vulneráveis, incluindo trabalhadores de saúde, e salvar vidas.”

O Brasil registrou o primeiro caso importado na América Latina e no Caribe em 26 de fevereiro de 2020. Em um mês, o vírus se espalhou para 48 países e territórios no continente.

Em 1º de abril, 51 países e territórios nas Américas haviam registrado 216.912 casos confirmados e 20.750 mortes por COVID-19. Nos últimos 10 dias, os casos confirmados multiplicaram-se por dez. Atualmente, os Estados Unidos são o país com a maioria dos casos no mundo e 86% dos casos nas Américas.

A estratégia da OPAS tem cinco linhas de ação prioritárias: detectar casos da COVID-19 precocemente por meio de sistemas de vigilância existentes; garantir capacidade, testes e reagentes suficientes para um diagnóstico laboratorial oportuno; prevenir e controlar infecções nos serviços de saúde; otimizar a capacidade dos sistemas de saúde locais para manejar casos e prestar assistência com segurança; e disseminar informações para ajudar as pessoas a entenderem os riscos que correm e motivá-las a

adotar medidas para proteger a si e a seus entes queridos.

FONTE: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID-19&Itemid=875



ARTIGO: Todos na luta contra uma pandemia sem precedentes

Apenas trabalhando em conjunto o mundo poderá enfrentar as consequências devastadoras da COVID-19, afirma o secretário-geral das Nações Unidas, António Guterres, em artigo de opinião publicado em jornais de todo o mundo.

Ele defende testagem e identificação de contatos, quarentenas, tratamentos e medidas de segurança para equipes médicas, combinadas com a restrição de movimento e de contatos até que apareçam terapias e vacinas.

Leia o artigo completo:

Só trabalhando junto o mundo poderá enfrentar a pandemia da COVID-19 e suas consequências devastadoras. Numa reunião virtual de emergência, realizada na última quinta-feira, os líderes do G-20 deram os primeiros passos na direção certa. Mas estamos ainda longe de conseguir uma resposta global, coordenada e articulada, capaz de ir ao encontro da magnitude sem precedentes daquilo que enfrentamos.

Longe de conseguir achatar a curva da infecção, estamos ainda muito aquém. Inicialmente a doença demorou 67 dias para infectar 100.000 pessoas; em breve mais de 100.000 serão infectadas diariamente. Sem uma ação acordada e corajosa, o número de novos casos escalará certamente até os milhões, levando os sistemas de saúde à ruptura, as economias a uma queda abrupta e as pessoas ao desespero, com os mais pobres sendo os mais atingidos.

Devemos nos prepararmos para o pior e fazer tudo para evitá-lo. Aqui está uma chamada para ação dividida em três fases e baseada na ciência, na solidariedade e nas políticas de bom senso.

Primeiro: suprimir a transmissão do coronavírus.

Isto requer uma testagem agressiva e precoce com identificação de contatos, complementada com quarentenas, tratamentos e medidas que cuidem da segurança das equipes na linha de frente da resposta, combinadas com a restrição de movimento e de contatos. Estes passos, apesar da perturbação que provocam, devem ser mantidos até que apareçam terapias e vacinas.

Crucialmente, este esforço robusto e cooperativo deve ser orientado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), membro da família das Nações Unidas; os países que estão agindo isoladamente – como devem fazer para sua população– não conseguirão fazê-lo para todos.

Segundo: enfrentar a devastadora dimensão social e econômica da crise.

O vírus espalha-se como um incêndio descontrolado e é provável que avance rapidamente para o hemisfério sul, onde os sistemas de saúde enfrentam limitações, as pessoas são mais vulneráveis, e milhões vivem em favelas densamente povoadas ou em acampamentos de refugiados e deslocados. Alimentado por estas condições, o vírus poderá arrasador o mundo em desenvolvimento e reemergir mesmo em lugares onde já havia sido eliminado. No nosso mundo tão interligado somos apenas tão fortes quanto o mais fraco sistema de saúde.

Temos, claramente, que combater o vírus para toda a humanidade, com foco nas pessoas, especialmente nos mais afetados: mulheres, idosos, jovens, trabalhadores com salários baixos, pequenas e médias empresas, na economia informal e nos grupos vulneráveis.

As Nações Unidas acabaram de lançar um relatório que documenta como o contágio viral se transformou em contágio econômico, definindo o financiamento necessário para responder aos choques. O Fundo Monetário Internacional anunciou que entramos numa recessão tão ruim ou pior do que a de 2009.

Precisamos de uma resposta abrangente e multilateral que ascenda a uma percentagem de dois dígitos do Produto Interno Bruto global.

Os países desenvolvidos conseguem fazê-lo sem ajuda e alguns estão realmente fazendo. Mas devemos aumentar massivamente os recursos disponíveis do mundo desenvolvido, expandindo a capacidade do FMI, nomeadamente através da emissão de Direitos de Saque Especiais (DSE), e de outras instituições financeiras internacionais, de forma a que estas possam rapidamente injetar recursos nos países que deles necessitem. Eu sei que não é fácil, tendo em conta que os países se confrontam com despesas internas cada vez maiores e de valores recorde. Mas esse gasto será em vão se não controlarmos o vírus.

Operações coordenadas entre os bancos centrais podem, também, trazer liquidez às economias emergentes. O alívio das dívidas tem que ser uma prioridade – incluindo a renúncia imediata ao pagamento de juros em 2020.

Terceiro: recuperar melhor.

Não podemos simplesmente voltar ao que era antes do ataque da COVID-19, com sociedades desnecessariamente vulneráveis a crises. A pandemia lembrou-nos, da forma mais dura, do preço que pagamos pela fraqueza dos nossos sistemas de saúde, da proteção social e dos serviços públicos. Sublinhou e realçou as desigualdades, acima

de tudo a desigualdade de gênero, desnudando como a economia formal se sustenta à custa de um trabalho de assistência invisível e não remunerado. Colocou em destaque os correntes desafios dos direitos humanos, incluindo o estigma e a violência contra as mulheres.

Agora é o tempo de redobrar os nossos esforços para construir economias e sociedades mais inclusivas e sustentáveis, que sejam mais resilientes face às pandemias, às alterações climáticas e aos outros desafios globais. A recuperação deve conduzir a uma economia diferente. O nosso plano continua a ser a Agenda para os Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável de 2030.

O Sistema das Nações Unidas está totalmente mobilizado: apoiando a resposta dos países, colocando as nossas cadeias de abastecimento à disposição de todos e apelando a um cessar-fogo global.

Acabar com a pandemia em todo o mundo é tanto um imperativo moral como uma questão de sábio interesse próprio. Neste momento excepcional não podemos recorrer às ferramentas habituais. Tempos extraordinários exigem medidas extraordinárias. Enfrentamos um desafio colossal que requer uma ação decisiva, coordenada e inovadora, da parte de todos e para todos.

FONTE: https://nacoesunidas.org/artigo-todos-na-luta-contra-uma-pandemia-sem-precedentes/?utm_source=feedburner&utm_medium=email&utm_campaign=Feed%3A+ONUBr+%28ONU+Brasil%29



Prevenção e contenção do COVID-19

Conhecer as informações básicas sobre o COVID-19, incluindo sintomas, complicações, como é transmitido e como impedir a transmissão, pode ajudar na prevenção e contenção do vírus. As informações que circulam nas redes sociais devem ser confirmadas e é importante manter-se informado e atualizado sobre o COVID-19 através de fontes credíveis, como a Direção Geral da Saúde, a Organização Mundial de Saúde ou a UNICEF.

FONTE: https://inee.org/system/files/resources/unicef_covid-19_crianças.pdf



Banco Mundial aprova projetos de emergência para enfrentar os impactos do coronavírus



Quatro dos projetos aprovados pelo Banco Mundial estão na América Latina e Caribe. Foto: Banco Mundial

O [Banco Mundial](#) aprovou nesta quinta-feira (02) a realização de projetos de emergência para ajudar 25 países em todo o mundo em desenvolvimento para ajudar a enfrentar os impactos do coronavírus.

Dois países lusófonos receberão recursos nesta primeira fase: Cabo Verde, US\$ 5 milhões, e São Tomé e Príncipe, US\$ 2,5 milhões, que permitirão minimizar a perda de vidas, fortalecer os sistemas de saúde e reduzir o impacto econômico da pandemia.

Países da América Latina e Caribe – Argentina, Equador, Haiti e Paraguai – receberão US\$ 95 milhões.

Para a Argentina, serão destinados US\$ 35 milhões de modo a fortalecer a rede de laboratórios públicos e a capacidade de diagnóstico e notificação precoces. No Paraguai, projeto de US\$ 20 milhões visa ampliar a capacidade do sistema de saúde, que está sobrecarregado por causa de uma epidemia de dengue.

Já o Equador receberá US\$ 20 milhões para financiar equipamentos para unidades de terapia intensiva, UTIs, e salas de isolamento. E, no Haiti, um financiamento com o mesmo valor ajudará o país a adquirir testes para detecção precoce e formar equipes de resposta rápida.

Além de aprovar os novos empréstimos, o Banco Mundial ajustará um projeto de saúde já existente na Bolívia, de modo a fortalecer a resposta ao coronavírus. O país receberá US\$ 20 milhões a mais.

A instituição também divulgou que Panamá e República Dominicana acessarão financiamentos previstos para casos de desastres. Serão destinados, respectivamente, US\$ 41 milhões e US\$ 150 milhões.

O Banco Mundial anunciou que se prepara para liberar US\$ 160 bilhões ao longo dos próximos 15 meses.

FONTE: <https://news.un.org/pt/story/2020/04/1709352>



Moçambique - Melhorando a proteção contra inundações com base na natureza nas cidades de Moçambique (Vol. 2): Avaliação urbana dos riscos de inundação e erosão e possíveis soluções com base na natureza para Nacala e Quelimane

A análise de custo-benefício (CBA) incluirá os dados e adotará a metodologia nas avaliações da atividade de desenvolvimento, investimento e resiliência da análise econômica climática (CEADIR) preparada para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID). Isso permitiu à CBA considerar serviços ecossistêmicos, como estimativas de seqüestro e armazenamento de carbono, riscos naturais e produção agrícola. O objetivo desta análise foi fornecer assistência técnica ao Governo de Moçambique para aprimorar e aprimorar a implementação de soluções baseadas na natureza para o gerenciamento de riscos de inundações urbanas em Nacala. As inundações estão se acelerando significativamente em Quelimane, que são exacerbadas pelos ciclones tropicais. Este estudo estimou os custos e os benefícios da revegetação de terras nas áreas menos densamente povoadas e uma abordagem de medidas combinadas para áreas internas da cidade, que incluíram lagoas de retenção, sistema de drenagem aprimorado, proteção dos dedos das voçorocas e revegetação em pequena escala na cidade de Nacala. Este estudo também estimou os custos e benefícios da vegetação da terra e uma medida combinada que inclui a construção de lagoas de retenção, canais de drenagem, reabilitação de canais de drenagem existentes, saídas e portões de retalho, revestimento verde, dique com revestimento verde, construções de proteção da ponte pilar e uma certa área alocada para a proteção e re-cultivo de manguezais, na cidade de Quelimane.

FONTE: <http://documents.worldbank.org/curated/en/897311585301464586/pdf/Mozambique-Upscaling-Nature-Based-Flood-Protection-in-Mozambique-s-Cities-Urban-Flood-and-Erosion-Risk-Assessment-and-Potential-Nature-Based-Solutions-for-Nacala-and-Quelimane.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

REDE DE CIDADES RESILIENTES DE LINGUA PORTUGUESA

<http://www.cidadesresilientes.net/>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>